

É tradição da literatura que grupos nascentes de escritores se lancem por meio de uma revista. Não sendo ainda conhecidos desejam mostrar-se à comunidade leitora.

*Edifício*, editada em Belo Horizonte, de janeiro a julho de 1946, não fugiu à regra. E teve a sorte de revelar uma geração que se tornou famosa no Brasil.

Quem a relê hoje, decorridos sessenta anos, tem largo motivo de meditação. É preciso, antes de mais nada, recoroar a atmosfera que germinou *Edifício*. Muitos ignoram o contexto.

No ano de 1946, o país saía da Segunda Guerra Mundial e caíra a ditadura Vargas. Respirava-se um ar de esperanças. Quem passou pelo período da guerra guarda algumas circunstâncias: a escassez era enorme, adotaram-se filas para a aquisição de alimentos e roupas. O transporte era precário, pois raro era o combustível e intransitáveis as estradas. Predominava o contrabando e o câmbio negro. Os “tubarões” – como eram chamados os empresários que praticavam o comércio clandestino – atravessavam os preços e se enriqueciam com as dificuldades da população. A corrupção medrava em terreno fértil.

A ditadura, como qualquer outra, favorecia a delação. As prisões, as torturas e os assassinatos se faziam às escondidas, o pavor tornara-se o método para conservar-se o poder. A burguesia, o latifúndio e os interesses externos sustentavam a ditadura, que não passava de seu principal suporte, não obstante o ditador tecer um projeto nacional den-

tro das contradições que se espelharam na grande guerra. Por isso mesmo, a ditadura germinara também a sua oposição.

Derrotado o domínio nazi-fascista, a partilha das influências no cenário internacional se processara entre o capitalismo, cuja forma superior se exprimia nos Estados Unidos, e o comunismo, cuja liderança cabia à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). As duas nações davam os primeiros passos da Guerra Fria, que se tornava aguda nas áreas periféricas. No Brasil, o aparato policial-militar já vinha aparelhado pela ditadura, no seu anticomunismo doutrinário.

A ditadura desenvolvera a modernização econômica e social do país, sem aperfeiçoar a ação política; portanto, sem admitir avanços da democracia.

Nesse quadro, surgiu a mocidade da *Edifício*. O grupo fundador da revista resumia o ecletismo daquele momento e dava lastro às correntes predominantes.

Para bem entender a juventude dos escritores de 1946, valemo-nos de idéias colhidas de entrevista que nos concedeu Pedro Nava, alguns meses antes do seu falecimento. Como ilustrado memorialista, considerava o passado como entidade móvel, sujeita a reformulação, uma vez que podemos vir a conhecer fatos que modificam certos conceitos pretéritos. Ademais, Pedro Nava sugeria sempre existir, dentro do mais circunspecto mineiro, um rematado insensato.

O primeiro número da revista apresenta um “Esboço para a apresentação de *Edifício*”. Ali se reuniram autores de duas tendências dominantes: maritainistas e marxistas. Assim, o ideário da publicação compunha-se das esperanças aglutinadas

\* Professor, ensaísta, tradutor, crítico e teórico da literatura. Dirigiu o Instituto Nacional do Livro em Brasília, a Faculdade Paulistana de Ciências e Letras e a União Brasileira dos Escritores de São Paulo. autor de quarenta livros de crítica e ciências sociais.

no aperfeiçoamento espiritual, do lado dos católicos marianistas, e das propostas de superação dos males bélicos e destrutivos do capitalismo, do lado dos comunistas.

A apresentação exprime a "luta ao fascismo", ponto de convergência dos grupos, e refere-se ao seguinte: "[...] Estava acento o extremismo de esquerda".

Em outro tópico, julgam-se "fiéis à solidão", curioso credo da inação ou do conformismo. Segue-se, como ponto de união, a "formação literária", que lhes outorga "uma giria particular". Creemos ocultar-se aí certa reivindicação da liberdade de recolhimento, de expressão e de experimentação verbal. Certo vanguardismo que cabe às artes e particularmente às letras. Lembre-se que capas e ilustrações da *Edifício* couberam a Heitor Coutinho, cujo trabalho artístico foi reverenciado por Edmur Fonseca na *Revista da Academia Mineira de Letras*.

Adiante, a apresentação manifesta "crenças no mundo novo" e condena a "injustiça inominável" da exploração do homem pelo homem. Por fim, a proclamação final: "o destino parece traçado: a quase fuga pela literatura".

Nota-se, portanto, o ecletismo inicial do grupo. Ainda não se cristalizara a noção do intelectual público, independente. Do mesmo lado ficaram os liberais de elite, sensíveis à autonomia das letras, associados aos intelectuais vinculados ao Partido Comunista, talvez na tentativa de constituírem uma frente cultural.

O primeiro número da revista ainda inclui um "Projeto de editorial (ou aborto de um diário íntimo)" assinado por Pedro Paulo Ernesto (pseudônimo de José Augusto Pereira Zeca), do qual se retira a data da criação da idéia da revista: 12 de novembro de 1945, às 9 horas, presentes: Wilson, Autran, Pedro, Walter, Edmur e o autor do "Projeto de editorial".

Composição inicial do grupo: secretário: Wilson de Figueiredo; redator-chefe: Valdomiro Autran Dourado; redatores: Sábato Magaldi, Otto Lara Resende, Edmur Fonseca, Pedro Paulo Ernesto. Escrevem no primeiro número: Pedro Paulo Ernesto,



Pedro Nava

Valdomiro Autran Dourado, Vanessa Netto, Otto Lara Resende, Lucy Teixeira, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Wilson de Figueiredo, Jacques do Prado Brandão, Hélio Pellegrino, Pedro Gianetti, Otávio Alvarenga, Francisco Iglesias, Amaro de Queiroz, J. Etienne Filho e Pontes de Paula Lima.

No segundo número, novos colaboradores surgem: Morse Belém Teixeira, Marcos Antônio Coelho, José Renato dos Santos Pereira e Geraldo dos Santos Pereira, além de José Bento Teixeira de Salles. Todos respondem a questões propostas pela revista. Surgem dois novos redatores: Francisco Iglésias e Walter Andrade. Ao questionário deixam de responder: Jacques do Prado Brandão e Carlos Castelo Branco.

Vejamos pequenos trechos de alguns depoimentos da nova geração. Assim, quando fala Amaro de Queiroz, a revista põe em destaque: "A Novíssima Geração ao Contrário da Modernista, é Muito Mais Política do que Estética". Vislumbra-se aí o peso da circunstância histórica que o momento exigia. Vale lembrar que a esquerda deixou como herança a promoção da responsabilidade coletiva e o gosto pela análise e pela mudança social. Daí a apologia da política no depoente que jamais se tornou um ativista ou mesmo um vocacionado para a oposição política.

No depoimento de Francisco Iglesias, observe-se o destaque: "Agora não tenho dúvidas em afirmar que foi a leitura dos autores marxistas o que mais me marcou no sentido de orientação." Também a assertiva guarda o traço de época. Tanto mais que o depoente, logo a seguir, aponta como autores que mais o influenciaram: Tristão de Atafde, Ortega y Gasset e Carlos Drummond de Andrade. Tudo em contradição ao destaque do depoimento.

Tomemos, agora, certas palavras de Morse Belém Teixeira. São das mais contundentes quanto

[...] a apresentação manifesta "crenças no mundo novo" e condena a "injustiça inominável" da exploração do homem pelo homem.

ao desapareço pelo meio cultural de Minas: "Estas montanhas destilam uma fina e imperceptível preguiça, só descoberta quando já é um pouco tarde para tomar providências." Adiante acrescenta à observação outra característica: "a irresistível vocação mineira para a comodidade". Ainda: "Que me desculpe o sr. Tristão de Ataíde, meus ouvidos não escutam a Voz de Minas. O grande pensador católico ouviu a voz de seu coração e não a voz da cultura mineira".



Otto Lara Resende



Autran Dourado

José Bento Teixeira de Salles propõe como seus autores prediletos: Dostoiévski, Goethe, Swift e Cervantes. E alinha como os mestres da geração comunista Lenine, Marx e Engels e da socialista, Laski.

Verifica-se que alguns colaboradores acabaram por alterar seus nomes literários: Valdomiro Autran Dourado suprimiu o Valdomiro. Otávio Alvarenga acrescentou Mello e por vezes o Junqueira; Amaro de Queiroz passou a assinar Amaro Xisto de Queiroz.

Estávamos num tempo em que a literatura ainda guardava certo prestígio nos meios de comunicação de massa e certa aura para o grande público. Os jornais e revistas reservavam parte de suas páginas à literatura. Todos se orgulhavam de manter um crítico oficial, titular de rodapé literário. Existiam os colunistas das letras. Não se manifestara, ainda, o poder da indústria cultural, nos moldes em que pontificou após a década de 1960.

Os escritores militavam na área da cultura da dissensão. O seu *locus* situava-se mais no campo da contestação, pois vinham das classes medianas, avizinados do jornalismo e do magistério, não explorados do capital.

As relações mercantis disseminadas eliminaram o toque de qualidade que presidia as intenções dos jovens escritores. O valor de mercado substituiu o valor de uso, e as relações foram-se tornando mais e mais reificadas. Hoje, vê-se, vivemos o período da dialética negativista, inspirada na teoria crítica de Adorno. Domina a ciência melancólica, aquela que, depois de esforçada reflexão, conclui ser impossível conciliar o sujeito da ação vital com o objeto da sociabilidade possível. Caiu-se na armadilha do humanismo suave, cheio de boas intenções conservadas em silêncio. O escritor livre e independente, público, tende a desaparecer. O domínio da opinião pública manipulada sufoca-o.

Creemos ser necessário um toque de reunir em torno da ação positiva. Nenhuma sociedade é suicida a ponto de contemplar a destruição de valores

Nenhuma sociedade é suicida a ponto de contemplar a destruição de valores acumulados em milênios de experiência humana, de modo conformista ou em cumplicidade com a globalização vitoriosa, hostil, excludente e violenta.

Quando a revista apresenta Hélio Pellegrino, encontramos esta síntese: "uma fotomontagem de Hélio Pellegrino revelaria um Maiakovski em batina". O poeta e, mais tarde, psicanalista, não deixa de gravar o seu depoimento com uma nota irônica, bem a seu estilo: autores que o influenciaram? Jônatas Serrano e Jésus de Miranda. Este último, como se sabe, foi poeta da polícia militar, boêmio, seresteiro, estouvado. Eduardo Frieiro denominou-o o François Villon da Praça da Lagoinha. E Fernando Sabino pôs na boca de sua personagem de *O grande mentecapto* (1979) o soneto autobiográfico de Jésus de Miranda.

Quais os autores europeus mais citados pelos colaboradores de *Edifício*?

Gide, Dostoiévski, Nietzsche, Papini e Valéry. Grande mistura de tendências. Autores brasileiros? Carlos Drummond de Andrade (endeuzado por todos, fornece a "epígrafe" da revista: "e agora, José?"), Mário de Andrade, Lúcio Cardoso e Otávio de Faria. Em ponto menor: Murilo Mendes e Vinícius de Moraes.

acumulados em milênios de experiência humana, de modo conformista ou em cumplicidade com a globalização vitoriosa, hostil, excludente e violenta.

A celebração dos sessenta anos da revista *Edifício*, a 20 de julho de 2006, deveu-se ao presidente da Academia Mineira de Letras, Murilo Badaró, às iniciativas de José Bento Teixeira de Salles e Octávio Mello Alvarenga, à colaboração de Helvécio de Oliveira Lima e ao apoio de Edmur Fonseca. Além dos citados, mencione-se a presença de Wilson de Figueiredo e de Marco Antônio Coelho na sessão comemorativa. Coube a eles a tarefa de coordenar o evento.

Uma nota final: as publicações do grupo mineiro não se limitaram à revista. Abrangeram também as Edições *Edifício*, Série Poesia (a mais abundante, sob a direção de Bueno de Rivera) e a Série Prosadores. Para que se tenha a noção da diversidade de colaboradores, segue-se a lista, Série Poesia: *Mecânica do azul*, de Wilson de Figueiredo;



Carlos Drummond de Andrade



José Bento Teixeira de Salles

*Vocabulário noturno*, de Jacques do Prado; *Gesto e palavra*, de Otávio Alvarenga (1947); *Poema do príncipe exilado*, de Hélio Pellegrino; *O amante*, de Wilson de Figueiredo; *Poemas no tempo*, de J. Guimarães Alves; *Céu e asfalto*, de João Viana de Oliveira (1947); *Eternidade da rosa*, de Marco Aurélio de Moura Mattos (capa e ilustração de Amílcar de Castro).

Na Série Prosadores, publicaram-se as *Três histórias*, de Ildeu Brandão, que encerravam "A sentinela", "O vagabundo" e "História de cachorro".

De nossa obra *Mineiranças* (Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991), capítulo "Memórias contadas ao espelho: Autran Dourado e Darci Ribeiro", analisamos dois romances de formação: *Migo*, de Darcy Ribeiro (Rio de Janeiro: Guanabara, 1988) e *Um artista aprendiz*, de Autran Dourado (Rio de Janeiro: José Olympio, 1989) em que ambos relatam sua militância no Partido Comunista, reproduzindo o clima intelectual daquela fase da revista *Edifício*.